

Aspectos da psicofísica freudiana e sua relação com a *durée* de Henri Bergson

*Aspects of the freudian psychophysical and
your relation with durée of Henri Bergson*

RESUMO: O presente trabalho se propõe a analisar as problemáticas apontadas por Henri Bergson (1859-1941), em *Ensaio Sobre os Dados Imediatos da Consciência* – problematizações essas que procuram levantar críticas concernentes a espacialização da mente e do tempo, e, com isso, ele propõe que sejam claros os dualismos, de modo a conhecermos a natureza de cada coisa (ou, cada polo deste dual), para que não se caia numa mescla confusa, como, por exemplo, o tempo cronológico, e redução dos sentimentos profundos a mero estímulo molecular. Bergson, assim, acautela-se diante da metafísica, bem como à ciência, aos moldes positivistas. Dentre as críticas feitas por Bergson no que tange à psicofísica, o trabalho se propõe, além de apresentar algumas ideias do *Ensaio*, vinculá-las ao começo da carreira de Sigmund Freud (1856-1939), com o *Projeto para Uma Psicologia Científica*, de modo a mostrar o teor psicofísico da mesma, a que Bergson está se contrapondo.

PALAVRAS-CHAVE: Consciência; Memória; Duração; Espaço.

ABSTRACT: The present work proposes to analyze the problems pointed out by Henri Bergson (1859 -1941), in *Essay on the Immediate Data of Consciousness* – such problems seek to raise criticism concerning spatialization of mind and time, and, with that, he proposes to clear the dualisms, so we know the nature of each thing (or, each pole of this dual), not to fall in a confuse blend, as, for example, the chronological time, and reduction of deep feelings the simple molecular stimulus. Bergson, consequently, be careful on metaphysics, as well as science, the positivist molds. One of the criticisms levelled by Bergson, regarding the psychophysics, the work proposes, besides presenting some *Essay's* ideas, link them to the beginning of the career of Sigmund Freud (1856-1939), with the *Project for A Scientific Psychology*, in order to show the psychophysical content of the same work, which Bergson is opposed.

KEYWORDS: Consciousness; Memory; Duration; Space.

FREUD E A PSICOFÍSICA

A obra de Freud, a que o trabalho procura ater-se pode parecer, em primeiro instante, aos leigos, uma obra desconhecida, e um tanto quanto contraditória às suas teorias tão renomadas da psicanálise. Porém, tal estranhamento pode ser prontamente explicado quando retomamos a data da obra. O *Projeto para uma Psicologia Científica* é considerado mais um esboço, do que propriamente uma obra acabada, sendo datada de 1895. Diante de muitas complicações e frustrações, Freud ainda assim, conseguiu colocar no papel suas ideias, nos mostrando que a psicanálise nem sempre fora sua forma de teorizar e trabalhar. Antes, teve um árduo caminho pelos meandros da psicofísica. A seguir, os trechos conseguem esclarecer tal andamento conflituoso, através das cartas que Freud enviava a seu amigo e médico, Wilhelm Fliess (1858-1928). Na carta de 12 de junho (carta 25), Freud explana: “A construção psicológica parece em vias de se tornar realidade, o que me dá grande alegria. Claro que, por enquanto, nada posso afirmar com certeza. Uma notícia categórica nesse sentido equivaleria a levar a um baile um feto feminino de seis meses.” (FREUD, 1975, p. 12)

Freud, com essa metáfora, procura mostrar seu entusiasmo com alguns avanços na pesquisa, mas não o suficiente para considerá-lo como avanço amadurecido, mas, antes, com potencialidade de se tornar uma

boa investigação. Porém no dia 16 de agosto (Carta 27), ele já se mostra menos motivado com seu trabalho:

Tive uma estranha experiência com a minha $\Phi\Psi\omega$. Pouco depois de comunicar a você a sensacional novidade, já antevendo suas felicitações pela pequena vitória alcançada, eis que esbarro em dificuldades imprevistas, verificando que me falta fôlego suficiente para a nova tarefa. Por isso, sem vacilar, pus de lado todo o alfabeto e me convenci de que não tenho mais o menor interesse pelo assunto (...). A “Psicologia” representa, positivamente, uma cruz para mim. Seja como for, jogar boliche e colher cogumelos são atividades muito mais saudáveis. Afinal de contas, queria apenas explicar a defesa, mas, quando vi, estava tentando explicar algo que pertence ao próprio núcleo da natureza (...). (FREUD, 1975, p. 12)

Seus ápices entre desânimo e efusão passavam por gradações de conflitos, como todo trânsito entre extremidades. Na Carta 29, datada de 8 de outubro, ele expõe:

Anotei tudo em um rascunho depois que cheguei e creio que não contém novidade para você. Resolvi não incluir um terceiro, que trata da psicopatologia da repressão, porque o tema não está exposto por completo. A partir daí me vi forçado a começar tudo de novo em rascunhos, trabalho que me deixa ora orgulhoso e contente, ora envergonhado e deprimido; até agora, depois de um excesso de tormentos mentais, devo confessar a mim mesmo, apaticamente, que o material ainda não se coaduna e talvez nunca venha a se coadunar. (FREUD, 1975, p. 13)

Mesmo com muitas auto-contestações, Freud consegue incrementar sua teoria, e construir seu renome até os dias atuais; não fosse o *Projeto*, enquanto germe, Freud não teria desenvolvido suas teorias ulteriores.

Ao contrário de sua teoria psicanalítica, o *Projeto* é nitidamente a visão de um corpo passivo que apenas reage ao meio que habita, conforme notamos na Introdução, elaborada pelo editor inglês James Strachey (FREUD, 1996):

Aqui a ênfase está colocada exclusivamente no impacto do meio sobre o organismo e na reação do organismo ao meio. (...) As forças internas dificilmente representam mais do que reações secundárias às externas. O id, de fato, ainda estava por ser descoberto.¹

A afirmação precisa na Introdução do livro é comprovada logo no início dos escritos de Freud, quando ele nos expõe que as duas principais concepções que regem a consciência seriam, primeiramente, uma concepção quantitativa, e, em segundo lugar, a teoria dos neurônios, concebidos como meras partículas materiais.

Essas afirmações, conforme o próprio autor nos expõe, são generalizações de alguns casos que ele vinha acompanhando, de histeria, obsessões – casos de neuroses de defesa. Logo, ao generalizar os problemas psíquicos em neuroses de defesa, Freud nos demonstra que o aparato psíquico não passa de reação a agentes externos, retirando qualquer dispositivo ativo da psique; dessa maneira, Freud vincula de forma íntima e única a relação que os estímulos externos – chamados de Q – têm sobre os neurônios, e, por conseguinte, às ações da pessoa. Por defender este fator quantitativo, Freud atesta um princípio básico: a inércia neuronal, que, de alguma forma faz com que os neurônios se livrem de Q – ou estímulos externos. Esta inércia compreende o “trabalho” dos neurônios, que são funcionalmente divididos em: neurônio sensorial e neurônio motor enquanto um é responsável pela recepção da quantidade neuronal, o segundo fica com a função de liberar tais quantidades neuronais. É neste instante que acontece o que Freud chama de sistema nervoso *primário*, ou seja, uma vez estimulada a quantidade neuronal (Q'n), as duas espécies de neurônios (sensorial e mo-

1 Ver referência no seguinte link do Projeto: <<http://ideiaideologia.com/wp-content/uploads/2013/04/Freud-Projeto-para-uma-Psicologia-Cienti%CC%8rfica.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2017 (p. 7-8). Sendo notável que na versão digital não consta ano de edição. E, embora seja a mesma utilizada no outro livro como referência no presente trabalho (FREUD, 1996), nesta última não consta tal apontamento.

tor) têm a função de captar essas excitações externas e, para não abalar Q'n e mantê-lo neutro, essas excitações são passadas para o recurso muscular.

Mas, nem sempre o princípio de inércia é seguido à risca, e é neste momento que Freud insere sua concepção de função *secundária*, que consiste na excitação do sistema nervoso de seu respectivo elemento somático, ou mais precisamente, estímulos endógenos. São estímulos produzidos pelo próprio corpo, pela própria célula que nela habita. Porém, o corpo não consegue livrar-se desses estímulos, embora tenha que descarregá-lo. Freud explicita que o modo de descarregamento é atender com elementos externos a demanda do interno. Por exemplo, o organismo após horas sem comer, mandaria a mensagem clara de fome, e, a única maneira que teria de saná-la, seria ingerindo um alimento, sendo este provindo do mundo externo.

Colocando de lado tantas nomenclaturas que corroboram a teoria, é notável, enquanto perpassamos os pormenores do *Projeto* uma nítida discrepância de Freud quando comparado à filosofia de Bergson, sobretudo quando, primeiramente, Freud considera a consciência como detentora de estruturas materiais passíveis de interpretação biológica – como um corpo –, e, além disso, como totalmente dependente de estímulos externos, iguais entre si, e imutáveis. Conforme segue no seguinte excerto: “(...) a solução, portanto, consiste em atribuir a uma classe de neurônios a característica de ser permanentemente influenciada pela excitação, ao passo que a imutabilidade – a característica de estar livre para excitações inéditas – corresponderia a outra classe.” (FREUD, 1996, p. 351)

Em decorrência da possibilidade da mudança que a memória acarretaria constantemente, Freud diferenciou as *células perceptuais* das *células mnêmicas*, ou da memória. Com isso, ele adotou dois tipos de neurônios: os que, excitados sem barreira, poderiam retornar ao estado anterior, ao da excitação – neurônios permeáveis, ou Φ ; e, os neurônios que possuem

barreira, dificultando a passagem das excitações – ficando, assim, diferentes após a passagem da excitação (seria o caso da memória) –, sendo estes, neurônios impermeáveis, ou Ψ . Baseando tal teoria em uma confiabilidade notável ao dizer: “Em tal caso não teríamos *inventado* as duas [classes] Φ e Ψ , e sim *descoberto* o que já existia” (FREUD, 1996, p. 355, grifo do autor). Assim, para Freud, essa dual classificação neuronal não foi uma teoria inventada, e sim, descoberta, isto é, pressupõe a certeza da dualidade, e o que ele fez não passou de uma investigação de um nome para a já existente dicotomia. Essa metodologia – de não-invenção, e sim, de descoberta – é outra nuance da teoria freudiana que procura atrelar psicologia com ciência natural: as coisas já estão dadas, prontas e acabadas, e o papel de quem estuda a psique humana é de coletar dados, estudar estímulos externos sobre a mente fisicalizada, e inferir desses dados, algo universal.

Dito isto, é importante ressaltar a diferença entre Φ e Ψ , que estaria em um aparato meramente espacial: o primeiro encontra-se na periferia, e mais em contato aos estímulos externos, e o segundo, à parte intrínseca ao corpo. Atribuindo, inclusive, um juízo de valor de Φ , como superior à Ψ , sendo, este ponto também, totalmente díspare à filosofia principal de Bergson, que falaremos adiante e será explicitado ao leitor a que se refere.

Mas a divisão dos neurônios não cessa, já que o autor tem de explicar a origem do aparato qualitativo. Freud, então, começa uma teoria acerca da possível constituição da consciência. Admite, sim, que essa consciência, ou neurônio ω , possui qualidade, e não quantidade. Porém, com essa nítida divisão, é possível perceber a memória como algo à parte da consciência, o que, segundo Bergson, é inadmissível, uma vez que consciência pressupõe não só qualidade, como também memória e duração. Nesse sentido, memória seria, como dito, um aparato quantitativo, e, segundo Freud “ao que parece, a característica da qualidade (ou

seja, sensação consciente) só se manifesta quando as quantidades são tão excluídas quanto possível” (FREUD, 1996, p. 361), considerando, assim, consciência e memória como algo totalmente heterogêneo e desprovidos de semelhança essencial.

Freud deixa clara sua posição teórica, com influência de duas teorias: mecanicista e consciência como totalmente atrelada ao fisiológico. Nas palavras de Freud (1996, p. 363):

A teoria aqui elaborada situa-se entre essas duas. A consciência é aqui o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos do sistema nervoso, isto é, dos processos ω ; e a omissão da consciência não deixa os eventos psíquicos inalterados, mas acarreta a falta da contribuição de ω .

BERGSON E A DURAÇÃO (*DURÉE*)

Ao revistarmos os principais pontos concernentes ao *Projeto*, será possível compreender, analisando sob a perspectiva bergsoniana, quão evidente é a dissensão entre tais obras. Em *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (1889), Bergson coloca como problemática a insistência dos psicofísicos em converter quantidades em qualidades ou vice-versa, e até mesmo mesclar tais instâncias numa só proposição como se possuíssem a mesma qualidade.

Alguns filósofos, como Gilles Deleuze (1925-1995), classificam Bergson como o filósofo das dualidades: qualidade/quantidade, duração/espço, matéria/memória, grandeza/intensidade; como consequência, “a ideia de desordem nasce de uma ideia geral de ordem como misto mal analisado” (DELEUZE, 1999, p. 13). O que Bergson pretende com o dualismo, seria enfatizar que entre tais noções existem diferenças de natureza, e que estas precisam ser explicitadas, para não ocorrer problemas cíclicos

e sem solução, como o problema da liberdade – Bergson procura dar uma explicação mais coerente sobre a liberdade, no *Ensaio* – em contraposição aos deterministas e libertaristas, que não propuseram reais explicações, ocasionando mais confusão do que resposta.

É válido ressaltar que, apesar de dualismos ou diferenças, Bergson utiliza-se destas separações como método – visando delimitar com clareza os conceitos, coloca-los cada qual em sua singularidade, para, a partir daí, conseguir extrair uma explicação sem contradições –; à parte do método, Bergson vislumbra que, de maneira ordinária, sem precisão teórica, só conseguimos conceber as coisas de maneira mista. O movimento que Bergson faz em sua obra é o de, primeiramente, nos apontar as diferenças que ocorrem entre coisas que não devem ser compreendidas como equivalente qualitativamente (ou viravolta, segundo Deleuze), e, em seguida, voltar, e, uma vez esclarecidos os pontos em seu devido lugar, conceber como mistos novamente (reviravolta).

Muitos dos mistos são causados pelo princípio limitado da linguagem, isto é, há inúmeras intensidades, cada qual com uma natureza, e pelo fato de a linguagem não conseguir abarcar tamanha pluralidade², acaba por colocar o mesmo nome a coisas completamente diferentes; uma vez que as intensidades possuem o mesmo nome, inferimos que elas são a mesma coisa, quando, na verdade, são de natureza diametralmente opostas. Nas palavras de Bergson (1988, p. 15):

Talvez a dificuldade do problema derive do facto de darmos o mesmo nome e representarmos da mesma maneira intensidades de natureza muito diferente, a intensidade de um sentimento, por exemplo, e a de uma sensação ou de um esforço.

2 “(...) a nossa linguagem está mal feita para traduzir as subtilezas da análise psicológica.” (BERGSON, 1988, p. 19)

A linguagem, por ser algo estático e rígido, não conseguiu bem classificar na metafísica, e, por conseguinte, na ciência – fundando a usual ideia de que são áreas antagônicas. Bergson, assim, coloca ciência e metafísica como semelhantes. Semelhantes, mas não idênticas. Com uma metafísica³ que não consegue captar suas diferenças de natureza, a psicologia e demais ciências também acabam tendo origens igualmente deturpadas. É neste âmbito que Bergson aproxima metafísica da ciência, de modo a criticá-las. “[E]le censura constantemente a ciência e a metafísica por terem perdido esse sentido das diferenças de natureza, por terem retido somente diferenças de grau aí onde havia uma coisa totalmente distinta, por terem, assim, partido de um ‘misto’ mal analisado.” (DELEUZE, 1999, p. 130). Esse misto é, assim, dividido pela intuição, e Deleuze (*Ibidem* p. 131) continua:

Portanto, o que é puro nunca é a coisa; esta é sempre um misto que é preciso dissociar; somente a tendência é pura: isso que dizer que a verdadeira coisa ou a substância é a própria tendência. Assim, a intuição aparece como um verdadeiro método de divisão: ela divide o misto em duas tendências que diferem por natureza.

Essa aproximação entre a metafísica e a ciência permitiu que Bergson destrinchasse uma dura crítica a ambas as áreas do conhecimento, que, nas palavras de Bento Prado Jr.: “Para além da crítica do espiritualismo e do cientificismo, a empresa bergsoniana consiste numa crítica do entendimento” (1965, p. 73). Ou seja, a crítica dirigida a áreas tão aclamadas nos últimos séculos não é um mero capricho, nosso autor pretende conce-

3 É importante frisar que a metafísica está atrelada a uma das bifurcações da experiência comum: a duração; a outra parte da dicotomia dessa experiência está na extensão, onde se encontra a ciência. “O absoluto, dirá Bergson, tem dois lados: o espírito, penetrado pela metafísica; a matéria, conhecida pela ciência” (DELEUZE, 1999, p. 25). A metafísica, por estar associada aos sentimentos profundos, não tem ligação às coisas externas, logo, metafísica e duração não tem relação com grandeza. Mas é comum conceber sentimentos profundos como algo maior ou menor: espacializam o que não deve ser espacializado – como, por exemplo, dizer que a dor é grande, o amor é pequeno, etc.

ber uma metafísica livre de limitações do conceito (linguagem), e mostrar uma metafísica que sempre está por se fazer, e se enriquecer – uma vez que ela está associada ao devir, dos sentimentos profundos.

Movimento esse encontrado em sua concepção de duração (*durée*), que pode-se considerar como tese central de seu pensamento. Procura, então, isolar a consciência e analisar seu ser, sua ontologia. E sua ontologia não seria resumida em abalos de moléculas, instigadas por uma sensação, uma excitação exterior, conforme a psicofísica procura classificar, e Freud, no *Projeto*, bem o faz:

As cargas de excitação do exterior penetram até as extremidades do sistema Φ . (...) A característica qualitativa dos estímulos se propaga então sem empecilho por Φ , por meio de Ψ para ω , onde produz sensação. (...) A quantidade do estímulo Φ excita a tendência do sistema nervoso à descarga, transformando-se numa excitação motora proporcional. O aparelho da motilidade está diretamente ligado a Φ . As quantidades assim traduzidas produzem um efeito que lhes é quantitativamente muito superior, penetrando nos músculos, glândulas etc. – atuando ali, ou seja, por uma *liberação* [da quantidade], ao passo que entre os neurônios só ocorre uma *transferência*. (FREUD, 1996, p. 365-366)

Quando Bergson separa “intensidade” de “grandeza”, colocando-as como duas coisas totalmente opostas, já não é possível conceber uma intensidade espacializada, logo, um sentimento que seja dependente de excitações exteriores, a não ser sentimentos superficiais, como calor, pressão, luz, sentimentos que são puramente fisiológicos. Ao colocar essa divisão, por conseguinte é possível notar outra categoria de sentimento: os sentimentos profundos. Os sentimentos profundos não levam em conta o externo. O que a psicofísica faz, é colocar a consciência e todos os sentimentos profundos numa condição de total submissão aos eventos externos. Em contraposição a tais concepções, Bergson lista alguns sentimentos ditos

profundos: desejo, esperança, alegria, tristeza, e os sentimentos estéticos, que, conseqüentemente, levam aos que ele chama de graça, o sentimento do belo, sentimento moral (como a piedade).

Se a sensação mais intensa nos parece conter a sensação de menor intensidade, se reveste para nós, como o próprio abalo orgânico, a forma de uma grandeza, é provavelmente porque conserva alguma coisa do abalo físico a que ela corresponde. (...) O estado afetivo não deve, pois, corresponder apenas a abalos, movimentos ou fenômenos físicos que já passaram, mas ainda e sobretudo aos que se preparam, aos que queremos ser. (BERGSON, 1988, p. 30-31)

Levando em conta a posição simplista dos psicofísicos, de os sentimentos não serem nada além que abalos de moléculas, o aparato da consciência torna-se igualmente pobre e sem criação, já que os movimentos anteriores são totalmente desprendidos dos que estão, e daqueles que virão – isso é nítido com a criação de passado, presente e futuro. É neste momento que a memória se faz imprescindível, para Bergson. É ela que imbrica um momento a outro. Não como passado e presente, mas como uma continuação; sempre de algo que está por vir. Conforme Bento Prado Jr. abordou a noção de graça, de Bergson:

E, assim, a experiência da graça passa a ser definida como uma experiência peculiar da temporalidade. O gesto gracioso se dá num tempo essencialmente anticartesiano, à medida que o instante traz em si mesmo a garantia da sua continuidade, sem a exigência de um poder estético transcendente. (...) Cada gesto novo é uma reinterpretação do anterior, ou, se se quiser, uma atualização de sua margem potencial. (1965, p. 82)

E precisamente tais divisões temporais abominam Bergson e a sua teoria. A consciência, já pressuposta como duração, não pode ser reconhecida como divisões tais quais percebemos no tempo cronológico (*chronos*),

já que este não passa de um tempo espacializado. A proposta de Bergson seria de um tempo vivido e sempre tendendo a enriquecer, o *kairós*. Na graça que podemos ver essa característica de *kairós*, pois, “se a graça prefere as curvas às linhas quebradas é porque a linha curva muda de direção em cada momento, estando cada nova direção indicada na precedente” (BERGSON, 1988, p. 17-18). Ou seja, a proposta de *kairós* – associada à graça –, refuta a necessidade de se estabelecer passado, presente e futuro, como se cada qual não tivesse associação entre si, e fossem quebras sem conexão; ao refutar o *chronos*, Bergson procura conceber o tempo como uma linha curva, que tem total ligação com o agora, e que, mais para frente, irá se curvar novamente. O tempo, portanto, é curva que está por se constituir incessantemente, e não quebra.

A característica de enriquecimento não pressupõe uma melhora, mas sempre a permanência do que foi, no que está sendo, e no que será. É precisamente essa característica atribuída ao sentimento profundo tão importante à consciência, ou seja, a característica de um tempo sem quebras, relacionada à graça, a qual é imprescindível à consciência. Ao conhecermos a consciência dessa forma, conseguimos aceitar o que é a verdadeira liberdade. Essa passagem do mesmo ao outro, essa atribuição qualitativa àquilo que está por vir. Liberdade, portanto, seria o movimento interno, o movimento dentro de cada um. Já que o movimento externo está ligado a uma mudança do mesmo ao mesmo, ou seja, sem inovação ou invenção, apenas *descoberta*.

É possível identificar o dualismo bergsoniano, de maneira que não se devem confundir as instâncias que ocorrem: ora a invenção – atrelado a algo novo –, ora a descoberta – atrelado à descoberta do que já estava latente a ser apreendido. É, portanto, natural que se tenham duas formas de conhecer, uma vez que há duas destas instâncias. Nas palavras de Bergson:

Não haveria lugar para duas maneiras de conhecer, filosofia e ciência, caso a experiência não se apresentasse a nós sob dois aspectos diferentes, de um lado sob a forma de fatos que se justapõem a fatos, que se repetem aproximadamente, que se medem aproximadamente, que se desdobram enfim no sentido da multiplicidade distinta e da espacialidade, do outro sob a forma de uma penetração recíproca que é pura duração, refratária à lei e à medida. Nos dois casos, experiência significa consciência; mas, no primeiro, a consciência desabrocha lá fora e se exterioriza em relação a si mesma na exata medida em que percebe coisas exteriores umas às outras; no segundo, volta para dentro de si, recobra-se e aprofunda-se. (...) Desçamos então para o interior de nós mesmos: quanto mais profundo for o ponto que tivermos alcançado, mais forte será o ímpeto que nos devolverá à superfície. (BERGSON, 2006, p. 143-144)

Sendo assim, a liberdade, intimamente ligada à consciência – ao segundo caso supracitado –, apesar de se dar no interior, ela é imprescindível até mesmo para a compreensão de aparatos externos.

CONCLUSÃO

Tendo em vista as problematizações acima, é válido ressaltar que o trabalho se deu em dois tópicos, mas sempre na tentativa de dialogar um com o outro, de maneira que ficasse clara a proposta teórica de cada um, separadamente, para que, em seguida, fosse possível elaborar a contraposição nítida e existente entre ambas.

É importante frisar que, o que Freud elaborou como método, segundo o editor inglês,

há setenta anos para descrever os fenômenos mentais em termos fisiológicos pode muito bem parecer assemelhar-se com certos métodos modernos de tratar o mesmo problema. Hoje em dia, sugere-se que o sistema nervoso humano pode ser considerado, em seu modo de funcionamento, como parecido ou até mesmo idêntico a um computador eletrônico – ambos trabalham para receber, armazenar, processar e fornecer informações. (FREUD, 1996, p. 8)

Esse apontamento, portanto, é totalmente passível de refutação sob o prisma bergsoniano, devido confusões atribuídas entre as coisas de aparato qualitativo e quantitativo, conforme supracitado. Já que, segundo sua teoria, nem sabemos o que são as sensações, logo as reduzimos a excitações externas, e colocando-as como maiores, conforme a excitação cresce, e menores, caso o estímulo decresça. O que deve ser prontamente abolida essa associação de espacialidade à intensidade. Também há confusões entre causas e efeitos: coloca-se o efeito como causa. O que Bergson propõe, é que seja chamada de *sensação de aumento*, e não *aumento de sensação*, já que este último pressupõe a sensação como quantidade, e meramente uma causa exterior; enquanto a sua proposta é concernente à qualidade, atribuindo grandeza (não espacializável) à causa. Assim, os cientistas, físicos, psicofísicos não se interessam em averiguar o que seriam as sensações, o ser a ela intrínseco, “com efeito, não se trata de medir a sensação, mas apenas de determinar o momento exacto em que um acréscimo de excitação a faz alterar” (BERGSON, 1988, p. 47).

Nas palavras de Bento Prado Jr., acerca das problemáticas da física:

O procedimento consiste, nas palavras de Merleau-Ponty, em ignorar o próprio sujeito psicológico, em colocá-lo em um mundo “já feito” e constituí-lo como parte desse mundo, a ele ligado pela causalidade. O psicólogo deixa de ser solidário com a sua experiência e passa a descrevê-la como “a fauna de um país longínquo”. (PRADO, 1965, p. 79)

Ou seja, na tentativa de a ciência e a metafísica atestarem o que seria a consciência, e de, falsamente ser preocupada com a interiorização de si, para o conhecimento próprio, acabam fazendo o caminho inverso: a consciência não passa de um objeto totalmente estranho; já que na perspectiva metafísico-científica, a consciência é algo atrelado ao espaço – no âmbito

do *chronos*, que opera na espacialização do tempo – colocando operações da mente como reles materiais a serem estudados, tais quais se estuda a reação do calor na barra de ferro, ou estímulos a um rato de laboratório, por exemplo. Reduzir, então, aspectos psíquicos à concepção física, suscitam terríveis consequências como o não reconhecimento de si, o não conhecimento de si. Bergson não tem a pretensão de refutar por completo a ciência e a metafísica, mas de se utilizar de suas melhores ferramentas para a implantação de uma metafísica que seja algo além do utilitarismo. Só assim nos conheceremos, só assim seremos livres.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Trad. João da Silva Gama. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. *O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. Trad. Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999.

FREUD, S. (1950 [1895]). *Projeto para uma psicologia científica*. Trad. Milton Persson. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1975.

_____. (1950 [1895]). *Projeto para uma psicologia científica*. Edição Standard Brasileira, vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1950 [1895]). *Projeto para uma psicologia científica*. Disponível em: <<http://ideiaei-deologia.com/wp-content/uploads/2013/04/Freud-Projeto-para-uma-Psicologia-Cienti%CC%81fica.pdf>> . Acesso em: 18 set. 2016.

GABBI JR., O. F. *Projeto para uma psicologia científica: máquina falante ou fala maquinal?*. Disponível em: <www.revistas.usp.br/discurso/article/viewFile/37921/40648> . Acesso em: 18 set. 2016.

PRADO JR., B. Capítulo II In. _____. *Presença e campo transcendental: consciência e negatividade na filosofia de Bergson*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. (Capítulo II).